

NOTÍCIAS ALARMANTES NA GUERRA IRRESTRITA

Por Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Enquanto a BlackRock parece estar se retirando da reconstrução da Ucrânia, o Reino Unido planeja movimentos provocativos na Estônia com aeronaves F-35 nucleares, elevando tensões na frente Báltica e o risco de escalada.

Na semana passada, os russos relataram ter conquistado completamente o oblast de Luhansk. Isso era esperado há meses e constitui um sucesso estratégico para a Rússia. A captura de Dachne no quinto oblast também foi anunciada, mas até agora isso não teve impacto no curso da guerra. No entanto, o Kremlin está tentando usá-lo para dominar o espaço da informação. O mencionado Rio Vovcha corre ao longo da fronteira entre Zaporizhia e a região de Dnipropetrovsk, e os russos aparentemente conseguiram cruzá-lo em dois pontos: um perto de Dachne e outro oito quilômetros a oeste, perto da cidade de Yalta.

Em relação à atual postura estratégica defensiva da Ucrânia, observamos vários debates nas mídias sociais. Alguns comandantes, incluindo os de alta patente, criticam fortemente o princípio de defender essas cidades ucranianas neste setor central até o último soldado. Isso faz sentido? Ou não seria melhor recuar para o interior, para uma linha defensiva mais favorável — por exemplo, ao longo de um rio — e interceptar os russos lá? É o debate de abrir mão de espaço para ocupar uma posição defensiva mais forte e favorável.

O chefe do Estado-Maior ucraniano, Syrskyi, respondeu à pressão afirmando que a Ucrânia tentaria uma defesa móvel no futuro. Ou seja, ceder quando necessário e então destruir as tropas russas que avançam por meio de contra-ataques direcionados. Mas precisamos de recursos, meios e, acima de tudo, recursos humanos, que são os recursos essenciais na Ucrânia hoje.

CAMPO DE BATALHA

A situação no campo de batalha continua muito tensa e a zona de combate está completamente sobrecarregada. Os comandantes declaram isso publicamente. Eles têm uma brigada para defender uma faixa de terra de 30 a 35 km. Isso é demais. Principalmente porque a brigada não tem os 5.000 soldados necessários, mas apenas 2.500. Isso só funciona com vigilância por drones, que podem ser usados para identificar brechas e, se necessário, fechá-las com drones de ataque. Isso não funciona mais se os russos lançarem um ataque maciço apoiado por morteiros, artilharia e apoio de fogo aéreo. Isso torna muito difícil manter o setor. E é por isso que os russos ocupam uma média de 15 a 20 km² por dia. Em maio e junho, mais de 1.000 km².

OUTROS PERIGOS

Ultimamente lemos uma história explosiva na mídia ocidental: a BlackRock está se retirando da reconstrução da Ucrânia?

A Quarta Conferência Internacional sobre a Reconstrução da Ucrânia, sediada pela Itália em Roma nos dias 10 e 11 de julho, está se aproximando. No entanto, as perspectivas de recuperação no país problemático estão se tornando cada vez mais incertas e críticas devido a uma premissa fundamental: o fim do conflito não parece estar próximo. Diante da incerteza sistêmica, até mesmo a BlackRock, que estava entre os maiores patrocinadores dos projetos de reconstrução da Ucrânia, está prestes a sair. Isto é um indício de que as mentiras da Névoa da Guerra 2.0, sobre as quais alertamos repetidamente no Velho General, estão vindo à tona.

Lembre-se de que a BlackRock e o JP Morgan apoiam um fundo de investimento de US\$ 15 bilhões para reconstruir a Ucrânia. Reconstruir a Ucrânia custaria quase meio trilhão de dólares. Foi o que disseram em 14 de março de 2024. A perspectiva de continuação do conflito e de expansão das áreas sob ocupação de Moscou, por um lado, e a ideia de que uma diminuição do apoio dos EUA poderia contribuir para aumentar a pressão russa sobre a Ucrânia.

O VIL METAL

O vil metal... move a guerra. Afinal, fundos como o BlackRock não operam como agências de caridade. Eles não têm ideologias, eles têm objetivos lucrativos. *"Somos sustentáveis porque somos capitalistas"*, escreveu o CEO Larry Fink a investidores e clientes em 2022, explicando o interesse da BlackRock na economia verde, antes de uma mudança abrupta de ritmo após a vitória eleitoral de Donald Trump e um *boom* de investimentos em setores como o GNL.

Assim, na Ucrânia, a BlackRock sem dúvida agiu em conjunto com o sistema financeiro dos EUA, o aparato federal e a Casa Branca para fornecer uma estrutura para financiar

projetos para o futuro da Ucrânia quando a situação em Kiev parecia mais promissora, tendo em mente que o verdadeiro guia continuava sendo a possibilidade de participar do grande acordo de reconstrução.

MOVIMENTOS PROVOCATIVOS

Mas cuidado! O grupo de guerra não desistirá e buscará continuar sangrando a Ucrânia e toda a Europa até secar. É por isso que temos que esperar pelos próximos movimentos provocativos dos atlantistas. O Reino Unido pretende consolidar sua influência na Estônia para liderar a frente Ártico-Báltica.

A possível implantação de caças F-35A com capacidade nuclear, que poderiam ser equipados com armas nucleares ar-solo dos EUA, já que o Reino Unido não possui mais as suas, daria a Londres um papel de liderança na gestão da frente conjunta Ártico-Báltico contra a Rússia, que deverá permanecer mesmo após o fim do conflito ucraniano.

O ministro da Defesa da Estônia, Hanno Pevkur, disse ao jornal *Postimees*, após a cúpula da OTAN do mês passado, que seu país está interessado em receber aeronaves F-35A com capacidade nuclear de seus aliados. O veículo sugeriu que o Reino Unido poderia mobilizar algumas das 12 armas que planeja adquirir.

O outro anúncio do Reino Unido, de se juntar à missão de aeronaves nucleares de dupla capacidade da OTAN, levanta a possibilidade de que essas aeronaves possam ser equipadas com armas nucleares dos EUA, já que o Reino Unido não tem mais essa capacidade.

O *Wall Street Journal* explicou como o Reino Unido está mudando sua doutrina nuclear com a compra de aeronaves dos EUA, o que pode levar à aquisição das armas nucleares mencionadas dos Estados Unidos. Enquanto isso, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, declarou que a disposição da Estônia em hospedar aeronaves com capacidade nuclear de qualquer país da OTAN representa um perigo imediato para a Rússia. Tudo isso acontece depois do alerta do Serviço de Inteligência Estrangeiro Russo, em meados de junho, de que os britânicos e ucranianos estão planejando duas provocações de falsa bandeira no Mar Báltico para atrair Trump para a guerra.

Considerando que a Estônia foi avaliada no final de abril como um potencial ponto crítico na Europa, o Reino Unido provavelmente terá permissão para enviar F-35As com capacidade nuclear para a Base Militar de Tapa, onde já possui algumas tropas como parte de sua maior mobilização no exterior. Em resumo, pode-se concluir que o Reino Unido está expandindoativamente sua influência no Mar Báltico sob pretextos antirussos e por meios relacionados, com a Estônia desempenhando um papel de destaque ao hospedar suas forças regionais.

A FRENTE BÁLTICA

A frente báltica desta nova Guerra Fria está conectada ao Ártico pela adesão da Finlândia à aliança em 2023 e pela resposta da Rússia, fortalecendo suas forças ao longo de sua fronteira para deter ameaças da OTAN. Essa frente conjunta, que deverá permanecer tensa mesmo após o fim do conflito ucraniano, também verá a construção da “Linha de Defesa da UE”, que se estenderá ao longo das fronteiras orientais da

Finlândia, dos Estados Bálticos e da Polônia com a Rússia e a Bielorrússia, como uma Cortina de Ferro do século XXI.

O Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov, declarou recentemente que a UE está se tornando uma extensão da OTAN, uma declaração confirmada pelo papel da UE na “Linha de Defesa da UE”, seu compromisso reafirmado com a Ucrânia durante a última Cúpula da OTAN e o plano de € 800 bilhões da “ReArm Europe”. O dilema de segurança acima mencionado, portanto, também afeta a OTAN e a Rússia, e poderia ser drasticamente agravado mesmo se ocorresse uma retirada mútua de forças entre a Rússia e os EUA na Europa Central e Oriental, caso Trump concedesse armas nucleares ar-solo ao Reino Unido.

O risco de uma Terceira Guerra Mundial eclodir devido a um erro de cálculo ainda seria muito alto nesse caso, devido à ambiguidade sobre se todos os F-35As pilotados por britânicos decolando da Estônia (mesmo que apenas para treinamento) estariam equipados com armas nucleares dos EUA como parte de um primeiro ataque surpresa. Esse cenário sombrio só pode ser evitado se Trump se recusar a fornecer armas nucleares ar-solo ao Reino Unido, mas mesmo que o faça, as tensões entre a OTAN e a Rússia persistirão mesmo depois da paz na Ucrânia, devido à frente Ártico-Báltica cada vez mais liderada pelos britânicos.

Com base na vocação histórica demonstrada pela Grã-Bretanha (os argentinos sabem muito sobre isso...), podemos perguntar: Londres está preparando uma operação de bandeira falsa na Estônia?

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
